

“Meninos não choram”: um comentário antropológico sobre uma história homofóbica

*“Boys don't cry”: an anthropological
comment about an homophobic story*

Zulmira Newlands Borges

*Doutora em Antropologia Social
pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
Professora do Departamento de Ciências Sociais da
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM
zulmiraborges@gmail.com*



Resumo

Este artigo trata do exercício interpretativo com base antropológica no filme *Meninos não choram*, que retrata a visão essencialista e hegemônica do gênero e da sexualidade, em que esses aspectos são vistos como colados e sobrepostos naturalmente nos seres humanos. Por meio de uma análise estruturalista, averigua-se a base da violência homofóbica sofrida pelo personagem. A história revela o quanto a sexualidade é um valor central na cultura ocidental e o quanto ela é portadora de uma verdade sobre o sujeito. Outro aspecto é o paradoxo existente na frase título, que afirma e ao mesmo tempo incita um tipo de comportamento para que seja possível tornar-se homem. Por fim, vale ressaltar que a visibilidade desses casos, além de suscitar novas questões analíticas, provoca a ordem simbólica vigente e abala os fundamentos dessa ordem, podendo levar à reflexão sobre a possibilidade de subvertê-la.

Palavras-chave: Identidade de gênero. Masculinidades. Construção social. Homofobia. Heteronormatividade.

Abstract

This paper explores the interpretative exercise with anthropological base of the film *Boys Don't Cry*, which portrays the essentialist and hegemonic view of gender and sexuality, in which these aspects are seen as naturally attached and overlapped in humans. Through a structuralist analysis, it is examined the basis of the homophobic violence suffered by the character. The story reveals how sexuality is a central value in Western culture and how it carries a truth about the subject. Another aspect is the paradox found in the title phrase, which at the same time asserts and incites a kind of behavior in order to become a man. Finally, it is worthy to note that the visibility of these cases, beyond generating new analytical issues, provokes the current symbolic order and affects the foundations of this order, which may lead to reflection on the possibility to subvert it.

Keywords: Gender identity. Masculinity. Social construction. Homophobia. Heteronormativity.

O filme que me cabe comentar nesta coletânea carrega o título original em inglês *Boys don't cry*, o qual, não por mera coincidência, é traduzido literalmente por *Meninos não choram*. Embora seja um filme com mais de uma década desde seu lançamento, parece bastante atual trazê-lo para discussão no momento em que, no Brasil, acaba de tramitar na Câmara de Deputados um Projeto de Decreto Legislativo (PDL 234/11) que propõe sustar alguns artigos da Resolução do Conselho Federal de Psicologia n. 1/99 de 23 de março de 1999, a qual estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual¹. Junto a isso, os índices de assassinatos à população LGBT aumentam anualmente no Brasil. Neste artigo, busco analisar, de uma perspectiva antropológica, os fundamentos de uma racionalidade que possibilitam esses acontecimentos, na esperança de que essa consciência possa levar a uma sociedade mais justa, igualitária e democrática.

Quero começar minha reflexão pelo título e apontar dois elementos para a análise sobre a tradução feita. O título é plenamente compreensível e faz sentido culturalmente, pois tem correspondência com o nosso contexto, portanto, dispensa maiores explicações ou adaptações. Esse talvez seja um dos primeiros aspectos que evidenciam a supremacia de um modelo de masculinidade que, de tão hegemônico e “naturalizado”, não precisa de uma tradução adaptada². O título remete a um tipo de masculinidade baseada em uma ideia de natureza que é pura força e virilidade e categoricamente “não chora”.

Foucault (1988) é um dos autores que analisaram a questão da sexualidade contestando sua naturalização e buscando explorar as formas pelas quais foram sendo produzidos discursos e conhecimentos sobre nossa sexualidade. Desse modo, estudar a sexualidade nos leva a conhecer a “verdade” acerca da nossa cultura e do papel que as práticas sexuais nela desempenham. Nesse sentido, essa história nos ajuda a entender o quanto a sexualidade é uma questão central na nossa cultura, remetendo a uma verdade última sobre o sujeito. Não uma verdade qualquer, mas uma verdade inscrita no corpo.

O segundo aspecto é o evidente paradoxo existente na frase que afirma e ao mesmo tempo incita um tipo de comportamento para que seja possível tornar-se homem. Meninos estão em fase de formação e deveriam se

¹ No dia 2 de julho de 2013, o Plenário da Câmara dos Deputados aprovou um requerimento para a retirada de tramitação de projeto apelidado de “cura gay”. Na prática, com a tramitação retirada, o projeto pode voltar a ser apresentado em 2014.

² Sobre masculinidade hegemônica, ver Connel (1995) e Arilha (2001). Não estou desconsiderando as diferenças na constituição das masculinidades entre Brasil e EUA, ou que não existiriam outras formas de expressão da masculinidade nesses contextos. No entanto, existem pontos convergentes que aproximam e facilitam a compreensão.

transformar, pelo curso natural dos fatos, em homens. Entretanto, a expressão “meninos não choram” é uma negação prescritiva e ao mesmo tempo normativa do que é o comportamento considerado adequado para os meninos, especialmente para aqueles que querem fazer-se homens. É para os meninos que se ensina a ser homem. O título do filme chama o espectador a refletir sobre esse elemento da masculinidade, que é a ausência de expressão de sentimentos, em especial o choro, que, em contrapartida, é tido como característica do mundo feminino.

Estamos, nesse caso, diante de crenças e representações sociais sobre o que é ser homem ou ser mulher, em que meninos/homens são mais fortes, agitados, agressivos, racionais e meninas/mulheres são mais delicadas, afetivas, meigas, passivas, sensíveis. Entretanto, como aponta Souza (2006), e está aí o paradoxo, as aprendizagens em torno das masculinidades e feminilidades são diárias e constantes, disseminando-se através de vários discursos (religioso, médico, psicológico, jurídico, pedagógico etc.). Segundo a autora,

raramente nos damos conta de que tais comportamentos são cotidianamente construídos pelo contexto social, cultural e histórico no qual estamos inseridos/as. A sociedade parece não perceber os inúmeros esforços produzidos através dos seus mais variados discursos, instituições e práticas, para que os indivíduos se comportem desta ou daquela forma, em função do seu sexo (SOUZA, 2006, p. 37).

É, portanto, paradoxal que, frente a uma “natureza” masculina, dada e inata, seja necessário ensinar constantemente que, por exemplo, meninos não choram. É relevante frisar também que os ensinamentos sobre esse modelo de ser masculino são provenientes de todas as esferas da sociedade e estão presentes na formação escolar, na igreja, na família e até nos meios de comunicação. De acordo com Souza (2006, p. 37),

os meninos são constantemente vigiados e instigados para a construção de um determinado tipo de masculinidade. Muitas vezes, essa construção se dá de forma violenta, na medida em que muitas famílias impõem determinados padrões de comportamento para que os meninos aprendam a ser homens.

Meninos não choram é uma expressão representativa de um modelo de ser homem que inclui a expressão da agressividade, o confronto, o contato estoico com a dor e a luta constante pela liderança do grupo que somente pode ser alcançada pelos mais fortes e mais resistentes. Essa é uma visão bastante

essencialista e naturalizada do macho, viril, agressivo e competitivo³, de tal forma que a resistência à dor e a ausência da expressão de dor são encaradas como evidências do ser homem. Portanto, desde o título, já há a expectativa de que se trata de um filme a respeito de homens ou de tornar-se homem, bem como de um tipo específico de masculinidade.

O paradoxo está no fato de que essa masculinidade hegemônica a ser conquistada necessita de uma intensa vigilância e de uma série de recomendações e prescrições constantes para se efetivar enquanto tal (LOURO, 2001). O binômio sexo-comportamento já tão discutido por Mead (1979) é, nesse sentido, um ponto central da trama⁴. O filme retrata de uma forma crua e violenta a visão essencialista e hegemônica do gênero e da sexualidade em que esses aspectos são vistos como colados e sobrepostos naturalmente em todos os seres humanos. A expectativa social é que seja assim, e aqueles que escapam ao que deles se espera são, conseqüentemente, punidos por isso. A história se passa durante uma fase da vida em que todos ainda estão em formação; os protagonistas são jovens, ainda adolescentes e, portanto, em fase de experimentações. Na nossa cultura, é a fase da inserção no mundo adulto, de experimentação da sexualidade, da vivência em grupo, da inserção em um coletivo mais amplo que a família. É a época de sair de casa, e é isso o que faz o personagem principal Brandon, na busca de si e de viver a vida de uma forma mais autêntica, à procura de sua felicidade.

O filme retrata a história real de Teena Brandon, uma garota que deixa sua cidade natal para assumir a identidade Brandon Teena, transformando-se em um rapaz. Ao mudar de cidade, a personagem passa a vestir-se como um rapaz e experimenta a inserção em um universo masculino. Experimenta o prazer de competir e vencer corridas de carros entre rapazes, de fumar, de beber

³ Segundo Heilborn (1999, p. 9), o debate teórico em torno da sexualidade tem sido marcado pelo enfrentamento entre duas posições: o essencialismo e o construtivismo social. No essencialismo, predomina a convicção de que há algo inerente à natureza humana que está inscrito nos corpos, na forma de um instinto que irá conduzir e estabelecer desejos, gostos, orientações sexuais e determinará os comportamentos de cada sexo. No construtivismo social, busca-se problematizar a universalidade desse instinto sexual. Parte do princípio de que “os significados sexuais e o comportamento sexual não seriam passíveis de generalização, dado que estão ancorados em teias de significados articuladas a outras modalidades de classificação [...]”.

⁴ Margareth Mead estudou o comportamento em três tribos africanas e observou diferenças marcantes na forma como essas culturas estabelecem padrões de comportamento para meninas e meninos, em alguns casos estimulando a competição, a agressividade e o espírito guerreiro em ambos os sexos; em outro grupo, observou a repressão, a violência e a agressividade e um estímulo à harmonia, à solidariedade e à afetividade para ambos os sexos. Na terceira comunidade, ela identificou um padrão de comportamento, para homens e mulheres, inverso ao que ocorre no mundo ocidental. As mulheres eram competitivas, impetuosas e irritadas e os homens eram sensíveis, afetivos e pouco competitivos. Desse modo, desde Mead (1979), na antropologia se discute e se problematiza essa continuidade entre aspectos biológicos e comportamento social, pois as pressões sociais serão decisivas na expressão de determinadas emoções e no controle e punição de outros.

e de ser aceito e recebido como igual no novo grupo de amigos. Sua aceitação é tão perfeita que em pouco tempo já inicia um namoro com uma das moças. A felicidade de Brandon dura pouco. Sua condição é revelada: Brandon não é biologicamente um garoto. A partir da revelação do fato de que Brandon não nasceu homem, o filme torna-se extremamente tenso, violento e trágico. A cena em que os rapazes forçam Brandon a tirar a roupa e sua intimidade é exposta, revelando-se a todos que ele possui um corpo de mulher, certamente é uma das mais violentas no filme. Esse é um ponto central do filme e, a partir desse momento, a história se transforma completamente.

Segundo Michel Foucault (1988, p. 35), nossa sociedade se caracteriza por essa preocupação em torno do sexo, produzindo uma variedade de conhecimentos e de aparelhos criados para se falar dele: “para escutar, registrar, transcrever e redistribuir o que dele se diz”. Nesse sentido, mais do que reprimir o sexo ou a sexualidade, para a cultura ocidental, é preciso saber sobre o sexo. Essa necessidade de saber sobre o sexo, conforme Foucault (1988), somente foi possível porque nossa cultura ocidental desenvolveu ao longo dos séculos uma *scientia sexualis* que ordena um conjunto de procedimentos quanto ao essencial, em função de uma forma de poder-saber que corresponde à confissão, com o desvelamento e a revelação do íntimo e do privado.

Brandon é obrigado a se revelar e a “confessar”, despindo-se na frente de todos, mostrando que seu corpo é de mulher. Há forte efeito de violência emocional e psicológica na cena em que ele é obrigado a tirar a roupa. Por que o corpo nu é capaz de revelar a verdade? Que verdade é essa?

Como argumenta Foucault (1988, p. 62), nossa sociedade não possui *ars erotica*, sendo a única a praticar uma *scientia sexualis* e a desenvolver procedimentos para dizer “a verdade do sexo”, colocando a confissão cristã como essencial⁵. A confissão e a revelação são mecanismos de busca de uma verdade sobre o sexo. Os rapazes, amigos de Brandon, na busca dessa verdade, submetem o rapaz a uma situação humilhante em que é obrigado a se despir.

A violência desse ato de desnudamento é marcante, pois o que está sendo violado é sua identidade, sua alma de rapaz; durante todo o filme, vemos

⁵ Conforme Foucault (2003, p. 213), a confissão se institui a partir do cristianismo: “O ocidente cristão inventou essa surpreendente coação, que ele impôs a cada um, de tudo dizer para tudo apagar, de formular até as mínimas faltas em um murmúrio ininterrupto, obstinado, exaustivo, ao qual nada devia escapar, mas que não devia sobreviver a si próprio nem por um instante. Para centenas de milhões de homens e durante séculos, o mal teve que confessar na primeira pessoa, em cochicho obrigatório e fugidio”. O mecanismo da confissão no fim do século XVII se modificou alterando-se do perdão para o registro e como diz Foucault (2003, p. 213): o mal passa a se acumular “sobre a terra sob a forma de rastros escritos”. Entretanto, a lógica da confissão, da revelação permanece. Assim os mecanismos de poder vão se instaurando por meio da confissão e do registro, o que assegura sua distribuição segundo circuitos complexos, em um jogo de demandas e respostas (FOUCAULT, 2003, p. 215).

Brandon tomar forma e realizar-se como homem. Nessa cena, retiram-lhe seu bem mais precioso e sua maior conquista enquanto homem: a sua masculinidade tão cuidadosamente construída e tão bem conquistada até ali.

Contudo, para o grupo de rapazes, Brandon cometeu uma terrível infração – enganou a todos sobre uma verdade última e essencial: a verdade sobre o seu sexo biológico – e precisa ser punido por isso. As cenas de violência que se seguem são proporcionais ao ódio que os rapazes carregam. A humilhação não basta. Ele é estuprado por aqueles que, há pouco tempo, eram seus melhores amigos. Nem a tortura e a violação aplacam o ódio e o ressentimento dos jovens que o atacam. Brandon é visto como um monstro, a figura da abjeção. Não basta punir ou humilhar. É preciso banir, eliminar.

Brandon é visto como um anormal, um monstro, e por esse motivo seu fim é trágico. O filme, por ser baseado em uma história real, revela o quanto a sexualidade é um valor central na cultura ocidental e o quanto ela é portadora de uma verdade sobre o sujeito. Desde o século XIX, o discurso acerca da sexualidade adquire uma importância decisiva e o saber sobre o sexo se desenvolve utilizando basicamente três eixos: o da pedagogia, o da medicina e o da demografia. Porém, é o discurso médico que vai se apropriar das questões que envolvem a sexualidade, fazendo uso, para tanto, da ideia de ciência, que traria a verdade sobre o sexo. É nessa relação entre medicina e ciência que o saber se associa ao poder (FOUCAULT, 1988). Por consequência, surge a preocupação com a classificação do que é “anormal”, e as anormalidades se dividem em três: “o monstro humano, o indivíduo a ser corrigido e a criança masturbadora” (FOUCAULT, 2001, p. 69). A primeira delas, o monstro humano, era aquele ser com individualidade dupla; as figuras ambíguas vistas como meio homem meio besta, aqueles que aos olhos da época representavam a transgressão. Os outros tipos deveriam ser controlados, adestrados e corrigidos. O monstro humano representava o que não tinha cura, o incorrigível, o que estava na fronteira entre o humano e o animal. Brandon é visto como uma anomalia, um pervertido, um não humano, uma “coisa”, como é descrito por um dos personagens. Embora os personagens que atacam Brandon ajam como psicopatas⁶, quero argumentar aqui que os sentimentos de aversão, indignação

⁶ A ideia de que os criminosos são psicopatas tem sido bastante difundida pela mídia no Brasil. A noção de psicopatia tem sido popularizada como uma espécie de desvio moral irreversível que parte de uma incapacidade cerebral e individual desses sujeitos em sentirem alguma emoção. Tudo isso os coloca em uma categoria distinta, por não terem sentimentos, emoções, remorsos ou arrependimentos, o que em última instância implica não haver consciência. Mas, de fato, essa violência específica do estupro corretivo é tão disseminada que não pode ser vista ou analisada como uma psicopatia, embora eles sejam quase sempre definidos assim. Consideramos essa rotulação do criminoso como uma forma de proteger o real culpado, que é a sociedade machista e homofóbica, na qual crimes como esse ocorrem frequentemente e a justiça negligencia a busca pelos culpados porque a ideia subjacente é de que a vítima violentada teria provocado tudo aquilo, por seu comportamento.

e ódio expressos por eles não podem ser tratados como um caso isolado e como reação exclusiva daqueles agressores. Antes que a reação violenta tome forma, existe um conjunto de elementos sociais que tornou possível que aquela situação de Brandon fosse vista e identificada, pelos amigos, como abjeta, imoral, anormal etc. É apenas dentro de um conjunto dado de significados sobre o que é normal ou não que se torna legítimo indignar-se e revoltar-se contra o fato de que Brandon tenha um corpo biológico de mulher. Nesse sentido, não se trata de uma indignação isolada de dois jovens psicopatas. Os jovens que violentam Brandon sintetizam de forma avassaladora algo que existe e que está presente na sociedade: o sentimento de abjeção pela ambiguidade que ele representa.

Para entender que mecanismos socioculturais possibilitam esse panorama de violência generalizada contra a população GLBT e para analisar a reação de violência que a descoberta do sexo biológico de Brandon provoca em seu entorno, considero importante, assim como Victora (2006), retomar as análises estruturalistas⁷. A aversão social sobre aquilo que é ambíguo e indefinido foi objeto de reflexão de Mary Douglas no livro *Pureza e Perigo*; segundo ela, a punição às transgressões “têm como principal função impor a sistematização numa experiência inerentemente desordenada. É somente exagerando a diferença entre dentro e fora, acima e abaixo, fêmea e macho, com e contra, que um semblante de ordem é criado” (DOUGLAS, 1976, p. 15). Sendo o corpo, como aponta Mauss (1974), o primeiro instrumento do homem e, portanto, um símbolo da sociedade, um corpo ambíguo, indefinido, pode representar o perigo e a ameaça de uma desordem mais ampla.

Sabe-se desde Durkheim (1999) que quanto mais forte é a coesão de um grupo ou comunidade frente a uma regra de convívio social, maior será a gravidade do “crime”⁸ cometido, e a quebra ou rompimento dessa regra irá gerar uma punição proporcional à gravidade da infração. Brandon é visto como uma ameaça, pois transgride essas fronteiras bem demarcadas, embaralha a ordem “natural” das coisas, especialmente a continuidade entre corpo, orientação sexual, comportamento, práticas e identidade, pagando muito caro por isso. Nesse sentido, a punição que Brandon recebe não é corretiva. Além do estupro, que muitas vezes é violentamente infringido a mulheres lésbicas com o

⁷ Refiro-me ao comentário de Victora sobre o filme *Meninos não choram*, feito em um evento do GEERGE, em 28 de setembro, às 18h30min, na Sala Redenção, no campus Central da UFRGS. O texto esteve acessível em 2006 no site <www.nupacs.com.br>.

⁸ Segundo Aron (1999, p. 293), “crime é simplesmente um ato proibido pela consciência coletiva. Não importa que pareça inocente ao observador situado em outra sociedade, ou em outro período histórico. Num estudo sociológico, o crime só pode ser definido do exterior tomando como referência o estado de consciência coletiva da sociedade considerada. Esta definição é portanto objetiva e relativista”.

intuito de castigar e corrigir a identidade e a prática desviante, no filme, os parceiros de Brandon querem eliminar essa ameaça e manter, como diria Durkheim (1998, p. 77), “a consciência comum”. Naquele caso, a consciência comum gira em torno da matriz essencialista do corpo, do gênero e da sexualidade.

Dentro dessa perspectiva é que Brandon, com o seu corpo carregado de ambiguidades, está “quebrando” uma valiosa regra social e colocando em conflito as mais profundas crenças sobre a naturalidade do comportamento de gênero frente ao corpo. Brandon é visto como uma ameaça à ordem social, sendo, por esse motivo, eliminado.

Inúmeros pesquisadores e ativistas apontam para o fato de que existe uma grande intolerância com as sexualidades ditas não hegemônicas⁹. Não se trata, portanto, de um sentimento individual ou do âmbito das anomalias psiquiátricas ou psicológicas. Segundo Junqueira (2007, p.65), “é preciso falar em homofobia e reconhecê-la como um problema real”. O termo homofobia, de acordo com Borillo (2001, p. 13):

Tal como la xenofobia, el racismo o el antisemitismo, la homofobia es una manifestación arbitraria que consiste en señalar al otro como contrario, inferior o anormal. Su irreductible diferencia le coloca al otro lado, fuera del universo común del os humanos. Crimen abominable amor vergonzante, gusto depravado, costumbre infame, pasión ignominiosa, pecado contra natura, vicio sodomita, son algunos del os calificativos que han servido durante siglos para designar el deseo y las relaciones sexuales o afectivas entre personas del mismo sexo.

No Brasil, a violência homofóbica ainda é um problema que preocupa autoridades, e a sociedade civil tem se mobilizado para reivindicar direitos, pois a violência é muito disseminada. Conforme o *site* da Agência Brasil de notícias publicado em 03 de janeiro de 2013 e assinado por Elaine Cruz (2013):

O *Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil*, divulgado pela SDH, informou que, de janeiro a dezembro do ano passado, 6.809 violações de direitos humanos foram relatadas ao Disque 100, à Central de Atendimento à Mulher e à Ouvidoria do Sistema Único de Saúde (SUS). Segundo a secretaria, tais violações envolveram 1.713

⁹ Nesse sentido, ver, por exemplo, Castro (2004), Carrara (2004), Junqueira (2007) e Mott (2000).

pessoas, o que deu uma média de 3,97 violações por vítima. Só o Disque 100 recebeu 4.614 denúncias de homofobia em 2011.

Sendo assim, a homofobia é um problema que tem preocupado o governo e os movimentos sociais, de tal forma que em 2004 o Brasil lançou o programa Brasil sem homofobia.

Contudo, analisar o que possibilita a agressão contra as sexualidades não hegemônicas não é suficiente para entender a complexidade da situação retratada no filme. Brandon é vítima da violência homofóbica de seus amigos porque as suas características físicas são tomadas como definidoras de uma essência do ser homem ou ser mulher, desprezando-se e desvaloriza-se tudo o que foi elaborado e conquistado até ali da sua identidade de rapaz. Isso demonstra a centralidade do corpo na nossa cultura, que, por sua vez, está embasada em uma racionalidade biomédica.

A história de Teena Brandon chamou a atenção da diretora Kimberly Peirce, que leu a trágica história de Brandon e decidiu fazer dela um filme. O fato de a história de Brandon ter se tornado um filme também diz muito sobre o momento histórico em que o filme é lançado, em 1999, final do século XX, o qual foi marcado por intensas transformações em relação à sexualidade e ao comportamento de gênero. Inúmeras transformações recentes alteraram o olhar sobre a sexualidade. Sob o ponto de Arán (2004, p. 230), “os principais fenômenos constitutivos dessas mudanças são: a crise na família nuclear (monogâmica e heterossexual), a entrada da mulher no mercado de trabalho, a separação da sexualidade da reprodução e uma política de visibilidade da homossexualidade”. A questão da AIDS foi também um elemento decisivo na discussão contemporânea da sexualidade, tanto pela emergência do tema na esfera política como pelo acirramento dos preconceitos contra os homossexuais em função da doença.

De fato, tanto uma situação quanto a outra colocaram as sexualidades não hegemônicas num campo de visibilidade nunca antes visto. Isso ocorreu acima de tudo porque a estigmatização da AIDS provocou uma organização do movimento social gay e lésbico, que é um dos mais revolucionários, por colocar em questão a ordem simbólica vigente, pois, como aponta Bourdieu (1999, p. 143), “além de suscitar novos objetos de análise, põe profundamente em questão a ordem simbólica vigente e coloca de maneira bastante radical a questão dos fundamentos dessa ordem e das condições de uma mobilização bem-sucedida visando subvertê-la”. Portanto, a existência de Brandon e sua visibilidade nos ajudam a refletir sobre o fato de que

novas identidades culturais obrigam a reconhecer que a cultura, longe de ser homogênea e monolítica, é, de fato, complexa, múltipla, desarmoniosa, descontínua. Muitos afirmam, com evidente desconforto, que essas novas identidades excêntricas passaram não só a ganhar importância nestes tempos pós-modernos, como, mais do que isso, passaram a se constituir no novo centro das atenções. Não há como negar que outro movimento político e teórico se pôs em ação, e nele as noções de centro, de margem e de fronteira passaram a ser questionadas (LOURO, 2014, p. 42-43).

Nesse sentido, esses personagens contemporâneos e sua simples existência ou revelação também têm um papel político de questionar as estruturas estabelecidas, a lógica de funcionamento da sociedade e as bases heteronormativas da nossa cultura. Embora ainda exista em nossa sociedade um sentimento de desprezo em relação às sexualidades não hegemônicas, é relevante refletir sobre a diversidade de formas de viver a sexualidade, mas, também, sobre a força de uma nova racionalidade e de um novo modo de estar no mundo em que se evidencia a presença múltipla das masculinidades e feminilidades como construções sociais e, como tal, em sua potencialidade de perturbar um estado de coisas intoleráveis, como, por exemplo, a violência de gênero e a homofobia.

O caso de Brandon, que descola e rompe com a continuidade entre sexo e gênero, possui o poder de questionar e borrar as fronteiras bem demarcadas e definidas entre masculino e feminino, homem e mulher, natureza e cultura. Brandon e tantos outros carregam em seus corpos e em suas performances a ideia de transitoriedade, sugerindo que essas posições identitárias não são fixas, que podem se mover. Brandon e tantos outros são a prova viva de que nenhuma posição de sujeito ou identidade de gênero ou sexual é natural, fixa ou estável e que mesmo as fronteiras entre elas estão ficando embaçadas e fluidas.

Por fim, a grande contribuição do movimento gay e de suas manifestações diz respeito ao questionamento de uma lógica que enfatiza a centralidade do corpo, com base na exclusão e oposição binária, para uma lógica mais complexa em que a multiplicidade de sujeitos e suas práticas assumem a dispersão e a circulação do poder como uma nova possibilidade de existência. Como afirma Louro (2003), nesses tempos pós-modernos, precisamos aprender a aceitar que não existe uma verdade última, essencial, mas sim, múltipla, provisória e particular. A emergência desses novos sujeitos e

sua crescente visibilidade refletem a possibilidade de uma subversão da ordem de tal modo que possamos, como aponta Butler (1990), nos dar conta de que as noções de natureza, corpo ou sexo são também construções culturais e, portanto, essas dicotomias tão centrais para os nossos processos cognitivos perdem desde já o seu sentido e o seu valor.

Referências

- ARÁN, Márcia; CORRÊA, Marilena V. Sexualidade e Política na Cultura Contemporânea: o Reconhecimento Social e Jurídico do Casal Homossexual. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 329-341, 2004.
- ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra; MEDRADO, Benetido (Org.). *Homens e Masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS; Editora 34, 1998 e 2001.
- BORRILLO, Daniel. *Homofobia*. Barcelona: Bellaterra, 2001. 144p.
- BOURDIEU, P. Algumas Questões sobre o movimento Gay e Lésbico. In: _____. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 160p.
- BUTLER, Judith. "Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo". Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.
- CARRARA, Sérgio Luis; VIANNA, A. R. B. "As vítimas do desejo": os tribunais cariocas e a homossexualidade nos anos 1980. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (Org.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. v. 1, p. 365-383.
- CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadette. *Juventudes e sexualidade*. Brasília: UNESCO, 2004. 426p.
- CONNEL, R. W. *Masculinities*. Los Angeles: University of Califórnia Presss, 1995.
- CONNEL, R. W. Políticas de Masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995.
- CONSELHO NACIONAL DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO. *Brasil Sem Homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <http://www.mj.gov.br/sedh/documentos/004_1_3.pdf>. Acesso em: 17 maio 2006.
- CRUZ, Elaine Patrícia. *Oito casos de violência contra homossexuais são denunciados diariamente ao Disque 100*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-01-03/oito-casos-de-violencia-contra-homossexuais-sao-denunciados-diariamente-ao-disque-100>>. Acesso em: 21 jan. 2013.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- DURKHEIM, Emile. *A Divisão do Trabalho Social*. Tradução Eduardo Brandão, 2ª edição. Martins Fontes: São Paulo, 1999.
- FOUCAULT, Michel. A Vida dos Homens Infames. In: _____. *Ditos & Escritos: estratégia, Poder-saber*. v. IV. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2003. p. 203-222.
- FOUCAULT, Michel. *Historia da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HEILBORN, Maria Luiza (Org.). *Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. 205 páginas.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz . *Diversidade Sexual: o reconhecimento da diversidade sexual por uma melhor educação para todos*. Salto para o Futuro, v. 15, p. 64-73, 2007.

LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003. 191 p.

LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade: refletindo sobre o "normal", o "diferente" e o "excêntrico". *Labrys: estudos feministas*, Brasília, v. 1, n° 1/2, jul./dez. Disponível em: <http://www.tanianavarrosain.com.br/labrys/labrys1_2/guacira1.html>. Acesso em: 2 abril. 2014.

MAUSS, M. As técnicas corporais. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974. v. 2, p. 211-233.

MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

SOUZA, J. F. Homofobia e construção das masculinidades na infância. *Arquipélago*, Porto Alegre, v. 1, n. 7, p. 36-38, out. 2006.